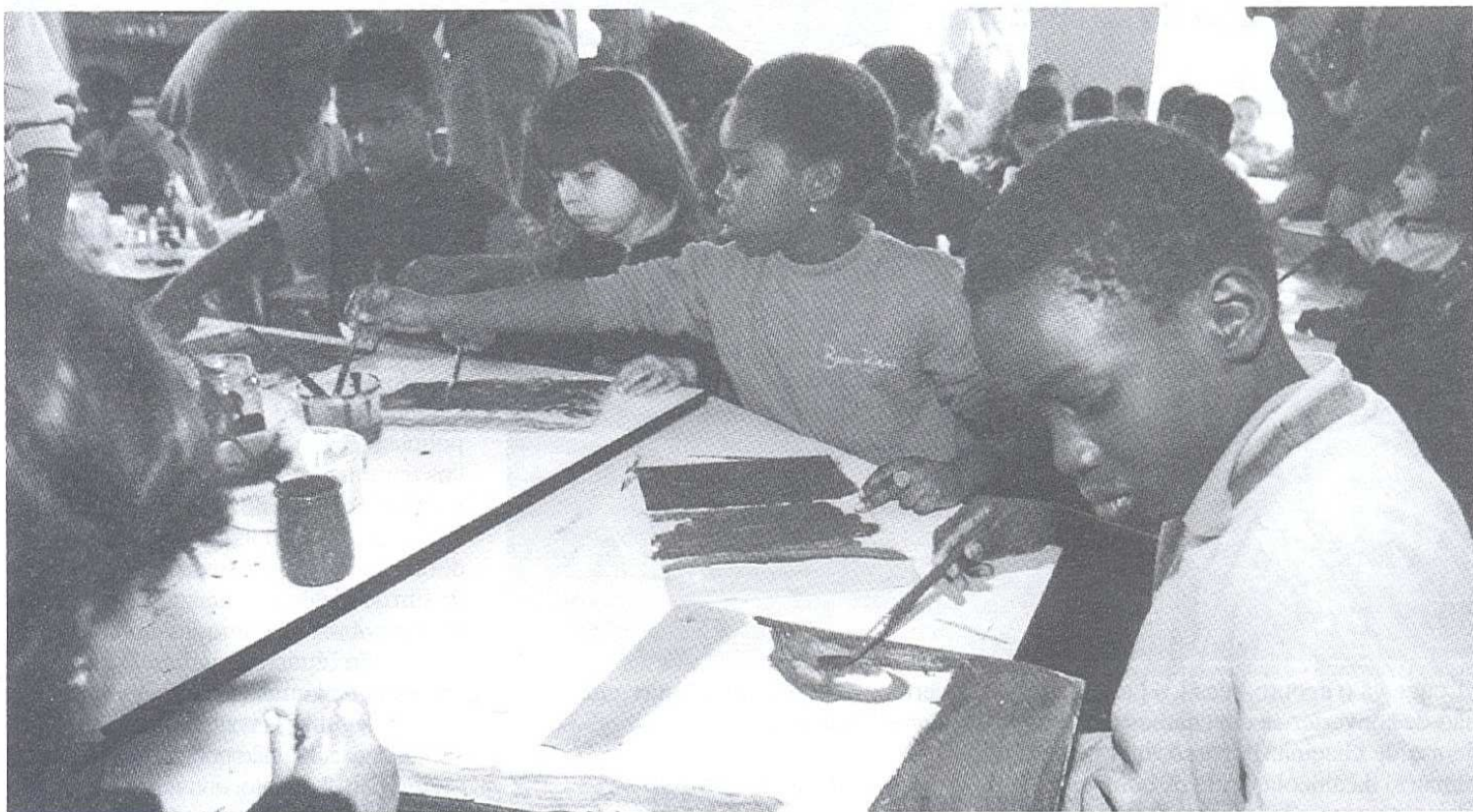


CONFLITUALIDADE (SUB)URBANA E EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

LUÍS SOUTA*



*A ódios e vergonha se molda, apenas, o tempo actual?
Ou cabe nele, mais que nunca, quem outro sonha,
mais justo e menos falsamente triunfal?*

Armando Rodrigues, *Obra Poética*, vol. III, p. 15

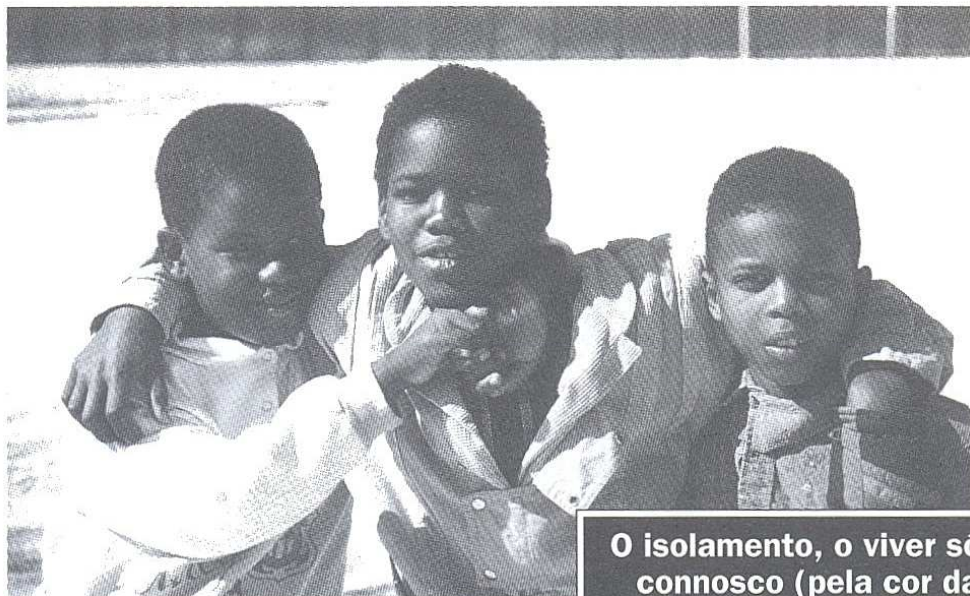
Ainda que em Portugal as principais cidades não tenham crescido para além dos limites da razoabilidade, elas não deixam de ser também, no essencial, espaços de impessoalidade, desgaste e tensão. Aos tradicionais problemas do trânsito e poluição, que minam ininterruptamente a qualidade de vida nas áreas metropolitanas, juntam-se agora os

da insegurança e violência¹, com o factor étnico a ser percepcionado como uma das causas de agravamento dessa conflitualidade (sub)urbana.

CIDADE-CAMPO

A palavra «urbanidade», como sinónimo de civilidade, está hoje desajustada; em França, por exemplo, tem-se vindo a popu-

larizar o conceito de “incivilidade” como o que melhor traduz os comportamentos sociais nas grandes urbes (em particular de uma certa juventude). Entre nós, a afabilidade, a cortesia, a gentileza (como qualidades inerentes à urbanidade) “transferiram-se” para o mundo rural. Premonitórias eram as palavras do padre-mestre de Libório, em *A Via Sinuosa* de Aquilino Ribeiro (1918:228), quando afirmava:



O isolamento, o viver só com aqueles que se parecem connosco (pela cor da pele ou pela cor do dinheiro) é empobrecedor. A diversidade é imprescindível para o equilíbrio humano e para um progresso social e económico harmonioso.



«Longe vá o agouro, mas [...] as cidades não-de converter-se em charcos de desordem e de chacina. Por isso, mais vale o remanso da aldeola, onde os homens e as ideias sempre são menos feras que as feras!». O que era uma visão conservadora do campo, em oposição ao progresso associado à cidade, à luz dos nossos dias ganha um outro sentido: o progresso só existe se trazer, de facto, qualidade à vida humana. E esta é, cada vez mais, uma miragem para os habitantes das cidades e seus subúrbios. O mundo rural, por sua vez, tem quebrado as barreiras do isolamento e, progressivamente, tem adquirido os equipamentos próprios da cultura, do lazer e do bem-estar, até aqui exclusivos da cidade. Daí que se assista a casos (cada vez menos pontuais) de retorno “à terra”. Parece que a situação se

inverteu: “sobrevive-se” nas cidades e “vive-se” nas aldeias.

RETROCESSOS

Quando eu tinha 10 anos fazia deslocações diárias da Póvoa para Lisboa, onde frequentava o liceu. Um percurso casa-escola, com cerca de 30 Km, que me levava um par de horas, fruto de horários espaçados de comboios e eléctricos que raramente cumpriam horários. Quais são hoje os pais que admitem tal cenário para os seus filhos? A escola fica-lhes no próprio bairro e mesmo assim não hesitam em reivindicar um polícia à porta do estabelecimento e, sempre que podem, vão esperar a criança à saída das aulas. O progresso trouxe destes reveses. Presentemente, porque se tem medo de sair

à rua no seu próprio bairro, ir ao centro comercial ou passear nos jardins à noite, procura-se fugir dessa selva urbana, o tal zoo humano de que nos falava Desmond Morris (1969). Evita-se, então, os transportes públicos e anda-se de carro para todo o lado². Quem tem posses para isso, opta por viver em “casulos blindados”. São os condomínios fechados, verdadeiras ilhas (de luxo) na cidade. As novas “torres de marfim” – como o projecto da TRY 2004, réplica moderna das pirâmides, onde viverá um milhão de pessoas com todos os serviços essenciais³ – dispensam o contacto com esse mundo concebido como hostil. A internet veio reforçar esta possibilidade de

estar com o mundo... longe dele.

Caminha-se assim para duas cidades de costas viradas e que se ignoram. Nos bairros degradados dos subúrbios e das grandes cidades (onde se concentra predominantemente a população imigrada, na sua grande maioria de estratos económicos carenciados) não se entra, e até a própria polícia os evita⁴. E nas zonas residenciais “os seguranças” privados tudo fazem para impedir a entrada dos deserdados da sorte. Esta dicotomia é, nas cidades, a visibilidade do fenómeno da sociedade concorrencial do fim de século, que acentua o fosso entre ricos e pobres⁵. Estamos assim face a uma guetização (étnico-económica) que constitui uma real ameaça à coesão social. Embora legítima, a vontade de certas pessoas “fazer casulo” não pode ser o caminho a seguir. O isolamento, o viver só com aqueles que se parecem connosco (pela cor da pele ou pela cor do dinheiro) é empobrecedor. A diversidade é imprescindível para o equilíbrio humano e para um progresso social e económico harmonioso. Restam portanto poucos locais públicos onde pessoas de culturas e etnias diferentes se cruzem, partilhem espaços, falem e, eventualmente, troquem ideias, opiniões e cooperem. A escola pública é com certeza um desses locais.

A EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

Os estabelecimentos de ensino poderão possibilitar, pelo menos ao longo dos 280 dias do



ano lectivo, a convivência multicultural no mesmo espaço escolar, na mesma turma e em torno de acções concretas de estudo e desenvolvimento de projectos. A escola pode permitir o conhecimento mútuo, alimentar a tolerância e o respeito, criar laços de verdadeira amizade inter-étnica. Aproveite-se o capital de confiança que os portugueses demonstram ter nos professores: eles ocupam o primeiro lugar no “barómetro de profissões” (com 85,1%), bem melhor que as outras classes profissionais analisadas – médicos, juízes, militares, jornalistas, padres, empresários, polícias, sindicalistas e políticos⁶.

Estamos ainda a tempo de evitar fenómenos graves de intolerância e violência inter-étnica desde que queiramos investir na educação e tiremos os devidos ensinamentos com o que se tem registado noutros países de imigração mais antiga (a revista *Le Point*, de 21/2/98, dedicada à violência juvenil em França e nos EUA, assim como os filmes *O Ódio* de Mathieu Kassovitz, de 1995, e *187- Condenação à Morte* de Kevin Reynolds, de 1997, são excelentes documentos de reflexão). Entre nós, o latente perigo urbano é muito bem retratado por João Santos Lopes na peça *Às Vezes Neva em Abril*⁷. Também a televisão e a imprensa escrita⁸ têm dado alguma atenção a esta versão nacional de “o ovo da serpente” (Ingmar Bergman, 1978). Há, no entanto, quem lhes

chame alarmistas ou criadores de realidades virtuais; mas estes trabalhos deveriam ser entendidos, antes demais, como um alerta para os perigos reais que estamos a engendrar. Se queremos continuar a ser o povo da U.E. menos racista (pelo menos segundo os dados de um inquérito europeu⁹, 58% dos portugueses afirma-se «nada racista») há que evitar o “barril de pólvora” e proceder a uma análise séria sobre as problemáticas da convivência inter-étnica nas sociedades modernas.

Notas e referências

(1) *A criminalidade é o terceiro problema social que mais preocupa os portugueses (depois da droga e do desemprego); entre 1992 e 1994, aqueles que consideram ter aumentado a criminalidade passou de 29% para 34% (in Portugal Social - 1990/1995, Lisboa: INE, 1998).*

(2) Segundo o INE, ob. cit., em 1995, 55,4% das famílias portuguesas possuía automóvel (eram 40,1% em 1990) e 12,5% tinham dois carros.

(3) *Vida Mundial*, nº 0, Dezembro 1997, p. 17 [século XXI].

(4) *Os bairros 6 Maio e Fontainhas (Lisboa), Cova da Moura (Damaiá), Marianas (Cascais), Pedreira dos Húngaros (Algés), J. Pimenta (Paço d'Arcos), Quinta do Mocho (Sacavém), Zambujal (Loures) e os de Arrentela, Baixa da Banheira, Vale da Amoreira e Laranjeiro são uma pequena amostra dos que ganharam “fama” mediática.*

(5) Segundo o INE, ob. cit., registou-se entre nós um agravamento do fosso na distribuição de rendimentos, na primeira metade desta década: em 1990, 70% da população era detentora de 52% da receita líquida, mas em 1995 os mesmos 70% já só detinham 49%.

(6) “Barómetro de profissões”. *Diário de Notícias*, 25/2/98, p. 18.

(7) “Às Vezes Neva em Abril” de João Santos Lopes (Grande Prémio de Teatro 1997), encenação de João Lourenço, pelo Grupo Novo, em representação no Teatro Aberto, em Lisboa, no 1º semestre de 1998, editada na colecção “Reportório da Sociedade Portuguesa de Autores”, nº 18.

“O Ódio” (La Haine) de Mathieu Kassovitz (França, 1995), (prémio melhor realização Cannes 95), com Vincent Cassel, Hubert Kounde, Said Belkhadra.

“Condenação à Morte” (187) de Kevin Reynolds (EUA, 1997), com Samuel L. Jackson, Jhon Heard e Kelly Rowman.

(8) Três exemplos: “Subúrbios Daqui Para Fora” de Fernanda Cândia e Abílio Leitão, *Notícias Magazine*, nº 298, 8/2/98, pp. 24-33; “Bandos (Gang Land) da Margem Sul” de Nuno Ferreira e Carlos Lopes, *Pública*, nº 8, 14/12/97, pp. 15-26; “Segunda Geração, a Bomba de Relógio” de Paula Moura Pinheiro, *Falatório*, RTP2, 8/10/97.

(9) “Portugueses sem sombras de racismo”. *Expresso*, 27/12/97, p. 10 [inquérito sobre o grau de racismo da União Europeia].

MORRIS, Desmond (1969) *O Zoo Humano*. Publicações Europa-América/Estudos e Documentos, nº 56, 2ª edição, 1971.

RIBEIRO, Aquilino (1918), *A Via Sinuosa*. Amadora: Livraria Bertrand, 1983.